

Objetividade jornalística: o que ensinar?¹

Rodrigo Pelegrini RATIER²

RESUMO

O ensaio descreve e analisa a construção de uma disciplina voltada para a discussão da noção de objetividade jornalística. Defende-se a necessidade de se qualificar o debate sobre o tema, discutindo o parentesco da objetividade científica e da objetividade jornalística, a centralidade da objetividade como norma da forma de conhecimento jornalística, a historicização do conceito com a transição da objetividade ingênua para a objetividade moderna, sublinhando seu dinamismo no diálogo com as hipóteses decoloniais e pós-estruturalistas, avaliando a pertinência de uma reconceitualização, da substituição por noções como a transparência ou de seu abandono.

PALAVRAS-CHAVE: objetividade jornalística; epistemologia do jornalismo; ensino de jornalismo.

INTRODUÇÃO

“Que a objetividade jornalística é inatingível já sabemos, professor. O que eu quero saber é se devemos perseguir a objetividade possível – ou se o jornalismo, no fim das contas, deve ser posicionado”. A frase, proferida por um aluno do curso de jornalismo da Universidade de São Paulo numa aula de 13 de março de 2024, apresenta algumas pistas acerca da argumentação e da qualidade do debate acadêmico acerca da objetividade jornalística, a um só tempo valor e método essencial à prática jornalística. Aos futuros jornalistas, reforça-se que a objetividade é um ideal utópico da profissão – e aí nos detemos, deixando ao alunado um feixe de indagações semelhantes às do estudante, de alguma forma já verbalizadas por Silva (2000) em *A Miséria do Jornalismo Brasileiro*:

O jornalista de esquerda e o profissional independente acreditavam (ou queriam acreditar) na objetividade, na imparcialidade ou no compromisso com a verdade (mitologias da profissão). Aos poucos, a esquerda denunciou o caráter ideológico dessa mitologia. Mas nada colocou de consistente no lugar dela, a não ser uma vaga, dissimulada ou mesmo agressiva crença na sua própria verdade. (SILVA, 2000, p. 9-10)

Hoje, a discussão sobre objetividade se atualiza diante de um contexto social de descredibilização do jornalismo e de perda de seu monopólio acerca da produção de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: rratier@usp.br.

relatos sobre o real (OLIVEIRA, 2014). Se a ideia de objetividade jornalística se transformou, há mais de um século, na norma, no ideal moral e no conjunto de práticas que pauta a prática do jornalismo profissional (SCHUDSON, 2001), de outro o conceito tem sido ao longo de todo esse tempo objeto de críticas (SILVA, 2000) e de disputas em relação à sua definição (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Em termos de recomendações para a ação profissional de futuros jornalistas, oscila-se entre posturas que pouco avançam em relação ao senso comum sobre o tema. Ao binômio “a objetividade é a norma profissional” versus “a objetividade não existe”, acrescenta-se no máximo a perspectiva realista (PAES HENRIQUES, 2023), segundo a qual a objetividade total é utópica, mas, ainda assim, o/a jornalista devem persegui-la em busca de uma objetividade possível (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

Parece prematuro encerrar a discussão acadêmica nesse ponto de frouxidão conceitual. Há outras justificativas para recuperar um debate mais aprofundado sobre a temática. Do ponto de vista educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Jornalismo (DE ESPECIALISTAS, 2009) defendem a ideia do jornalismo enquanto campo autônomo de investigação científica – a atribuição de uma formação específica e não mais como habilitação da comunicação social convida a um olhar para as epistemologias próprias da área. Do ponto de vista social, o já citado contexto de desordem informacional (WARDLE, 2018), os movimentos de constante descredibilização do jornalismo e de relativização dos relatos sobre o real, entendidos genericamente como “narrativas”, na acepção de histórias ideologicamente comprometidas com um ponto de vista nem sempre explicitado.

UMA CONSTRUÇÃO ARTESANAL

A disciplina “Perspectivas contemporâneas para o paradigma da verdade e da objetividade jornalística”, concebida e ministrada pelo autor deste artigo, foi inicialmente proposta ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) no 2º semestre de 2022. Até o momento, passou por dois oferecimentos, no 1º semestre de 2023 e no 1º semestre de 2024. Compunha-se de aulas de 3 horas em espaço de 15 semanas. A avaliação final incluía a redação de um ensaio ou de capítulo de

tese/dissertação com utilização obrigatória de referências bibliográficas discutidas na disciplina.

O processo de estruturação da disciplina em seus aspectos fundamentais – justificativa, conteúdo e bibliografia – se deu por meio de uma estratégia de referenciamento não sistemático, nesse sentido uma tessitura artesanal, que incluiu a consulta a ementas de outras disciplinas correlatas ao conteúdo pretendido pelo curso. São exemplos as disciplinas “Filosofia da Ciência”, “História da Ciência”, “Epistemologia do Jornalismo” e “Teorias do jornalismo”, consultadas no caso da USP pelos sistemas de cadastro de disciplinas na graduação e na pós-graduação e, no caso de instituições nacionais e internacionais, pelo mecanismo de busca Google. As expressões de busca traziam o nome das referidas disciplinas entre aspas seguidas da palavra “ementa”. Realizou-se, ainda, a busca correspondente em inglês e espanhol.

Em outra vertente, consultamos docentes de reconhecido saber no campo jornalístico, familiarizados com a discussão sobre objetividade, para que pudessem nos indicar caminhos teórico-metodológicos e bibliográficos que pudessem ser férteis para a disciplina pretendida. Finalmente, recorreremos aos anais da já citada Sessão Coordenada “Fundamentos do Jornalismo” do Encontro Nacional da SBPJor, onde encontramos importantes referências.

A disciplina se estrutura em 5 blocos. Após uma aula de apresentação do curso, inicia-se o bloco “objetividade na ciência”, visando apresentar o conceito no contexto da estruturação da ciência e sua consequente problematização. Em Chalmers (1995), por exemplo, fica evidente como as normas e leis generalizantes da ciência, extraídas da observação empírica via método dedutivo, devem seus resultados à quantidade de observações, às condições de observação e à teorização prévia acerca da experimentação – são, portanto, passíveis de contestação.

O segundo bloco recorre à sociologia da socialização para apresentar a perspectiva da socialização contemporânea de Setton (2016), em que a construção de identidades se dá por meio da interação dialética com uma variedade de instituições (família, escola, igreja, trabalho e mídia), evitando assim perspectivas midiacêntricas ou “jornalisticocêntricas” sobre a questão da objetividade. A seguir, a epistemologia do jornalismo de Meditsch (1992) nos permite discutir o tipo de conhecimento trazido pelo

jornalismo, singularizado em relação a outros tipos de conhecimento (histórico, científico, de matriz popular etc.)

No terceiro bloco, o conceito de objetividade é apresentado em sua vertente “ingênua” (compromisso com os fatos) e “moderna” (compromisso com o método jornalístico). Nesse sentido, Schudson (2001) afirma que *Liberty and The News* (LIPPMANN, 2020, original de 1920) é a obra que desenha a objetividade moderna, baseada em “aderência escrupulosa aos ideais científicos”, “unidade de método”, “ideal do testemunho objetivo” (SCHUDSON, 2001, p. 163).

O quarto bloco avança para o debate contemporâneo sobre o tema. A obra seminal de Kovach e Rosenstiel (2004) posiciona a verdade jornalística como uma verdade funcional, podendo ser decomposta em dois atributos verificáveis: precisão e contexto. Isso traria cientificidade ao conceito – ao contrário de outros como imparcialidade, neutralidade e equilíbrio, que os autores reputam como demasiadamente subjetivos e, portanto, impossíveis de aferir.

O quinto e último bloco, por fim, abre espaço às visões críticas ao conceito. Com a noção de enquadramento, Tuchman (1999) ilumina os processos de seleção e de construção da notícia. Breed (1999) analisa a dependência do trabalho jornalístico ao contexto profissional-organizativo-burocrático. Mais recentemente, surgem questionamentos de ordem decolonial, relativos à falta de diversidade nas pautas e nas redações, o que redundaria num critério de objetividade excessivamente branco, europeu e masculino (DOWNIE JR; HEYWARD, 2023). Numa vertente pós-estruturalista, pode-se apontar para a submissão da subjetividade (SILVA; MORAES, 2019) e o apagamento das emoções (WAHL-JORGENSEN, 2020).

OFERECIMENTO E PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A disciplina teve seu primeiro oferecimento no 1º semestre de 2023, entre os meses de março e julho. O grupo inicial contou com 13 alunos, dois dos quais desistiram da disciplina ao longo das aulas alegando problemas de agenda. O grupo que realizou o curso na íntegra foi constituído de 11 pessoas, sendo 3 doutorandos, 4 mestrandos e 4 graduados em comunicação social buscando construir seus projetos de pesquisa para o processo seletivo para o PPGCOM.

Em termos metodológicos, as aulas consistiam em três momentos. O primeiro, a apresentação do texto-base de cada aula pelo professor, geralmente em caráter exegético; o segundo, um debate, com mediação do professor, acerca das compreensões sobre o texto principal – trabalhou-se com a modalidade de debate livre ou orientado por alguma questão disparadora proposta pelo docente; o terceiro, um debate sobre a bibliografia complementar de cada aula, com vistas a estabelecer conexões com o texto principal e a temática mais ampla de cada encontro.

A última aula do curso foi em parte dedicada a uma avaliação da disciplina. Para tanto, o docente fez circular um questionário, de perguntas abertas e de múltipla escolha, acerca de diferentes aspectos do curso.

Foram ao todo 7 respondentes, que avaliaram os seguintes aspectos do curso com notas de 1 (menos satisfeito) a 5 (mais satisfeito): bibliografia da aula – nota 5 (6 respondentes) e 4 (1 respondente); assiduidade e pontualidade – nota 5 (6 respondentes) e 4 (1 respondente); didática do professor – nota 5 (7 respondentes); domínio do conteúdo pelo professor – nota 5 (6 respondentes) e 4 (1 respondente); metodologia de ensino – nota 5 (6 respondentes) e 4 (1 respondente).

As questões abertas indagaram sobre o que a disciplina deveria manter, o que deveria mudar e o que deveria abandonar. Entre os aspectos a serem mantidos, a turma destacou a diversidade de temas ligados à objetividade, a variedade de temas e de teorias (sobretudo as ligadas à epistemologia do jornalismo) e a dinâmica da aula ("equilíbrio entre os debates e as interferências do professor para manter o rumo dos assuntos", conforme uma das respostas).

Em relação aos aspectos que poderiam ser mudados, a diminuição da discussão sobre objetividade científica e socialização plural para "abordar logo o jornalismo", conforme um dos respondentes, mais espaço para "questões decoloniais e epistemologias periféricas", nas palavras de um/a aluno/a, não repetir autores em mais de uma aula.

Quanto ao que a disciplina deveria abandonar, um único comentário sugeria "controlar melhor a dinâmica do grupo. A turma se passava um pouco nos comentários e por vezes, o assunto se perdia em meio a muita informação aleatória ou opinativa".

Uma última questão – opcional – trazia espaço para comentários gerais. De forma ampla, elogios para a disciplina – "ainda que seja possível encontrar pontos de

melhora e essa tenha sido a primeira vez que a disciplina foi ministrada", conforme um/a aluno/a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da concepção, montagem e oferecimento de uma disciplina ligada à objetividade jornalística revelou a pujança da discussão acerca do conceito na contemporaneidade. Mostrou-se possível ampliar o debate para além das opiniões ligadas ao senso comum. A partir de uma mirada histórica, foi possível indicar a origem da objetividade no terreno da ciência, problematizando-a; em seguida, as diferentes acepções da objetividade calcada no respeito aos fatos e no método jornalístico, para por fim cotejá-la com aspectos adversários ou complementares (a transparência) e as tentativas de ressignificação por meio de outras epistemologias. Defende-se, assim, a centralidade do debate no seio das instituições formadoras para, por um lado, fortalecer o campo teórico específico do jornalismo; de outro, oferecer uma conceituação mais robusta para servir como amparo à prática profissional.

REFERÊNCIAS

- BREED, W. Controlo social na redacção – uma análise funcional. In TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999, p. 152-167.
- CHALMERS, A.F. **O que é a Ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1995
- DE ESPECIALISTAS, Relatório da Comissão. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Brasília: MEC, 2009.
- DOWNIE JR, L; HEYWARD, A. **Beyond Objectivity: producing trustworthy news in today's newsrooms**. Estados Unidos: Walter Cronkite School of Journalism and Mass Communication/ASU, 2023.
- EKSTRÖM, M.; WESTLUND, O. **Epistemology and journalism**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação: Folha de S. Paulo: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. São Paulo: Publifolha, 2021.
- GENRO FILHO, A. O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. pp. 183-202
- HENRIQUES, R. da S. P. O que quer a vontade que quer objetividade jornalística?. **Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática**, v.22, n.48, 2023.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LIPPMANN, W. **Liberty and the News**. Allentown: Mediastudies.press, 2020.

MEDITISCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

OLIVEIRA, D. D. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire**. São Paulo: ECA-USP, 2014.

PARK, R. E. A notícia como forma de conhecimento. In **Meios de Comunicação de Massa**. Organização de Charles S. Steinberg. São Paulo: Cultrix, 1966, pp. 169-185.

SCHUDSON, M. The objectivity norm in American journalism. **Journalism**, v. 2, n. 2, p. 149-170, 2001.

SETTON, M.G.J. **Socialização e Individuação: a busca pelo reconhecimento e a escolha pela educação**. São Paulo: Annablume, 2016.

SILVA, J.M. A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, M.V; MORAES, F. A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>> Acesso em: 21 de agosto de 2023.

TUCHMAN, G.. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas; **Contando "estórias"**. In: **TRAQUINA, N. (org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999, p.74-90, 258-262.

WAHL-JORGENSEN, K. An emotional turn in journalism studies?. **Digital journalism**, v. 8, n. 2, p. 175-194, 2020.

WARDLE, C. et al. **Information disorder: The essential glossary**. Harvard, MA: Shorenstein Center on Media, Politics, and Public Policy, Harvard Kennedy School, 2018.